

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2 /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-540-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409211410>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país e do exterior sob o eixo problematizador da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos estão reunidos neste segundo volume que consolida norteamentos presentes na primeira obra e ainda avança sobre temáticas novas que apontam para interdisciplinaridades ainda não exploradas.

A obra começa com um bloco de capítulos que dialogam diretamente com o fazer jornalístico como no caso do estudo sobre o gênero opinativo em revistas da área de saúde e também na fotografia jornalística como ferramenta para alunos ou mesmo no estudo sobre dispositivos móveis e construção da notícia. Percebemos neste primeiro bloco que embora o eixo norteador seja a visão jornalística, existe forte articulação com outras áreas como educação, política e cultura.

No segundo bloco de capítulos as pesquisas se abrem para outros campos da comunicação mantendo o perfil multidisciplinar da obra como pode ser visto nos estudos “Apontamentos sobre biopoder, biopolítica e biopotência na comunicação comunitária no ciberespaço”; “Ciberdemocracia e *fake news*: reflexões sobre o período eleitoral de 2018” e “O agro em tempos de pandemia: economia e saúde na textualização do político pela mídia”. Tais estudos se dão no campo comunicacional, mas é inegável a habilidade dos pesquisadores em dialogar com outras ciências produzindo estudos complexos e multifacetados.

No último bloco de textos aparecem aquelas pesquisas que dialogam de forma mais transversal e autônoma com as mídias, problematizando a partir de seus conhecimentos aspectos que perpassam pela relação com os meios. É possível nestes textos identificar abordagens a partir da sociologia, política, psicologia e filosofia. Tais abordagens não estão estanques, mas sim em movimento e influenciando na conceituação de fenômenos comunicacionais.

O objetivo central deste livro em seu segundo volume é ampliar ainda mais o diálogo multidisciplinar, o que pode ser verificado pela formação dos pesquisadores que perpassam por diversos campos do saber acadêmico e emprestam seus olhares a esta obra coletiva, escrita a muitas mãos, corações e mentes. A atualidade das discussões aponta para o momento em que vivemos que produz a inquietação do porvir e aguça o senso investigativo em busca de respostas que por sua dinâmica espiral produzem mais perguntas.

A imersão cibernética ocorreu de forma abrupta para muitos produzindo uma overdose de informações. Muitos estão cansados de lives, reuniões e eventos virtuais e do trabalho home-office, mas no novo normal estes processos sociais vieram para ficar. As plataformas digitais e o universo midiático que entraram definitivamente na vida das pessoas com o advento da pandemia da Covid-19, parece já causar menos estranhamento e começa a ser

mais desvelado tanto pelos estudiosos quanto pelos usuários.

Desejamos que Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2 seja motivadora para seus objetivos em busca fontes para pesquisas futuras ou boa leitura e entretenimento. Afinal nestes tempos de pós-verdade e *fake news*, o que importa é a informação confiável e bem fundamentada.

Miguel Rodrigues Netto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DISPOSITIVOS MÓVEIS E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DIANTE DA PARTICIPAÇÃO DO REPÓRTER LAERTE CERQUEIRA NA COBERTURA DO ATENTADO TERRORISTA DE BARCELONA

Miguel Rodrigues Netto

Daliana Martins Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114101>

CAPÍTULO 2..... 15

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO OPINATIVO NAS REVISTAS VEJA SAÚDE E VIVA SAÚDE

Brunna Ingrid Pinheiro de Sousa


Flaubert Cirilo Jerônimo de Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114102>

CAPÍTULO 3..... 34

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Nádia Dolores Fernandes Biavati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114103>

CAPÍTULO 4..... 46

FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA


Ismael García-Herrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114104>

CAPÍTULO 5..... 52

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO, PARTICIPANTE DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NA CIDADE DE SÃO PAULO

Tânia Regina Exposito Ferreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114105>


CAPÍTULO 6..... 64


REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NO SUPLEMENTO INFANTIL GURILÂNDIA: DIREITOS HUMANOS, CIVIS, POLÍTICOS E SOCIAIS NO JORNAL ESTADO DE MINAS DOS ANOS DE 1956 A 1964

Aline Choucair Vaz

Eliana Eduardo Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114106>

CAPÍTULO 7	74
APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPAÇO	
Patricia Franck Pichler Maria Ivete Trevisan Fossá	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107	
CAPÍTULO 8	86
CIBERDEMOCRACIA E FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO ELEITORAL DE 2018	
Lohayne Silva Gregório Perini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108	
CAPÍTULO 9	100
O AGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ECONOMIA E SAÚDE NA TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO PELA MÍDIA	
Débora Pereira Lucas Costa Milton Mauad de Carvalho Camera Filho Cristinne Leus Tomé	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109	
CAPÍTULO 10	111
VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19	
Kenzo Soares Seto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010	
CAPÍTULO 11	123
MÍDIAS SOCIAIS E PROPAGANDA POLITICA ENTRE MANIPULAÇÃO E CENSURA	
Edgar Esquivel Solís	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011	
CAPÍTULO 12	138
COMUNICAÇÃO E CIDADANIA CORPORATIVA: A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE	
Mafalda Eiró-Gomes Ana Luísa Raposo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012	
CAPÍTULO 13	151
COMUNICACIÓN: MEDIOS, TEMPORALIDAD Y PROCESOS SOCIALES 2	
Elizabeth Carabalí Donneys	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013	
CAPÍTULO 14	156
REDES SOCIAIS E COMUNIDADES DE PRÁTICAS	
Luiz Carlos Affonso	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141014>

CAPÍTULO 15..... 178

TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nadya Maria Macedo Pereira

Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141015>

CAPÍTULO 16..... 190

IDOLS EM DRAMAS TELEVISIVOS CHINESES: CONTEXTO HISTÓRICO, POP E SUBVERSÃO POLÍTICA EM *THE UNTAMED*

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141016>

CAPÍTULO 17..... 202


AS RELAÇÕES HUMANAS EM TEMPOS DE UMA NOVA ERA VIRTUAL

Victor Antunes de Souza Serrão

Jadson Justi

Edriline Barbosa Lima Justi

Jamson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141017>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 220

ÍNDICE REMISSIVO..... 221

VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19

Data de aceite: 01/10/2021

Kenzo Soares Seto

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ).
Rio de Janeiro, RJ.
<http://lattes.cnpq.br/7173544999919324>

RESUMO: Quais as relações de saber e poder implicadas em representações visuais dos dados sobre a COVID-19? O presente trabalho discute as cartografias algorítmicas da Pandemia e seus regimes de visualidade e escala associados à relações biopolíticas e necropolíticas. Como resultado, desenvolveu-se uma plataforma online que permite visualizar o número de casos por Código de Endereçamento Postal (CEP) no mapa da cidade do Rio de Janeiro e que mobilizou mais de 200.000 pessoas, demonstrando potencial de contribuir para uma perspectiva contravizual popular e para o combate à desinformação.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Cartografias. Contravizualidade. Algoritmos.

ALGORITHMIC VISUALITY AND CITIZEN CARTOGRAPHY OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT: What are the relations of knowledge and power involved in data visualizations of COVID-19? This paper discusses algorithmic cartographies about the Coronavirus and their visual and scale regimes associated with biopolitical and necropolitical relationships. As a result, an online platform was developed that allows visualizing the number of cases by Zip

Code on the map of the City of Rio de Janeiro and which mobilized more than 200,000 people, demonstrating the potential to contribute to a popular contravizual perspective and the fight against disinformation.

KEYWORDS: Covid-19. Cartographies. Contravisuality. Algorithms.

1 | INTRODUÇÃO

A pandemia global da COVID-19 é a primeira a ocorrer no contexto da mediação digital intensiva das relações sociais e do que Zuboff (2018) denomina Capitalismo de Vigilância: a extração e análise de dados da população por algoritmos digitais como um dos centros do regime econômico atual.

Neste cenário, os modelos de representação e previsão da disseminação do coronavírus fornecidos por empresas como Alphabet, Microsoft, Apple e Baidu se tornam fontes relevantes para gestores públicos e cidadãos comuns.

A atualização dos serviços de cartografia destas companhias para registrar a circulação do COVID-19 produziu uma *visualidade* da pandemia, no sentido dado por Mirzoeff (2016): mecanismos que ordenam a percepção de mundo, naturalizando as estruturas de poder subjacentes por meio de um efeito de autoridade.

Conforme Mirzoeff (2016), esses mecanismos funcionam, sobretudo, por meio da classificação e da estetização, evidentes nas

infografias e cartografias de plataformas como Bing, Google e Baidu.



FIGURA 1. Visualização de casos da Covid-19 na plataforma Baidu. FONTE: Baidu.

Deste modo, as plataformas de visualização sobre a Covid-19 ao modular os fluxos de informação sobre a pandemia influenciam a avaliação de risco e tomada de decisão de agentes privados e públicos, governando a circulação dos indivíduos e a gestão dos espaços.

É necessário ressaltar que estas representações visuais reproduzem uma lógica de espoliação, nos termos de Harvey (2005), do saber geral da humanidade disponível sobre a epidemia.

Seja compilando dados clínicos disponibilizados por pesquisadores e órgãos públicos, ou produzindo correlações entre os rastros digitais fornecidos por seus usuários e os rastros biológicos da COVID-19¹, os algoritmos das plataformas se apropriam de informações de interesse público para seus modelos de negócios.

Por exemplo, o Google disponibilizou gratuitamente suas bases de dados sobre o Coronavírus em troca de acessar e agregar as principais pesquisas de *machine learning* focadas em prever o contágio na sua cartografia do vírus (KENT, 2020).

Ao buscarem indexar em uma única representação espacial os bancos de dados espoliados em escala global sobre a pandemia, as cartografias algorítmicas são tomadas como indicadores confiáveis dos cenários tanto atuais quanto futuros da saúde global.

Logo, tornam-se vetores da acumulação do Capital, enquanto as ações de seus proprietários como Google e Microsoft crescem como nunca (GOULART, 2020), cada

¹ Por exemplo, a Apple oferece relatórios sobre alterações na rotina de mobilidade de seus usuários como indicadores de possíveis focos de contágio de covid em <<https://covid19.apple.com/mobility>>. Acesso em 26 set. 2020. A adoção de sensores inteligentes como os *smartwatches* que registram de modo contínuo dados biométricos como pressão e cardiograma de milhões de usuários reforça enormemente essa tendência.

atualização sobre o contágio em um país influencia o movimento de entrada e fuga de capitais dele. Constituiu-se a partir dos efeitos preditivos dos algoritmos uma bolsa de futuros que media os fluxos de mortes e investimentos: a gestão especulativa da necropolítica.

21 A BATALHA DA PERCEÇÃO DO RISCO: ALGORITMOS BIOPOLÍTICOS VERSUS DESINFORMAÇÃO E MEMÉTICA NECROPOLÍTICA

Para a compreensão da racionalidade que se expressa nos algoritmos por trás do capitalismo de vigilância em geral, e das cartografias algorítmicas da pandemia em particular, propõe-se recuperar um breve histórico da emergência da biopolítica e de uma forma específica de inteligência probabilística ligada ao controle social e biológico que nasce com ela.

A biopolítica centrou-se desde o início no “corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (Foucault, 2008, p. 131). Ou seja, como Foucault ressalta, no corpo como vetor da disseminação de epidemias.

Como componente da biopolítica, Foucault (2008) denominou “nosopolítica” a gestão estatal das questões relativas à saúde da população, em que a medicalização do social passa a ser um programa de intervenção pública fundado em práticas micropolíticas de administração da vida.

O saber científico da medicina se investe como razão de estado, constituindo um saber “médico-administrativo” fundante do “sanitarismo” e da sociologia no século XIX.

O enfrentamento às epidemias é um objetivo explícito da emergência desse higienismo que, como constituinte da biopolítica, busca preservar e proporcionar o crescimento da população: a acumulação de corpos saudáveis e, portanto, úteis, tornados força de trabalho (FOUCAULT, 2015).

A produção de verdades, ou seja, de discursos com efeitos de verdade, por meio das ciências torna-se fundamental para a legitimação do biopoder, favorecendo a submissão popular ao sanitário entre outras políticas públicas de intervenção técnica.

Dos modelos teóricos que consideram o estudo e a gestão das anomalias biológicas na população, como os surtos epidêmicos, nasceram por analogia àqueles que têm por objeto as “anomalias sociais”, os demais perigos ao corpo social como a criminalidade que a biopolítica tinha por objetivo gerir (FOUCAULT, 2008).

É neste momento que emerge uma nova racionalidade para investigar fenômenos sociais da combinação da medicina social com a criminologia e o direito: uma razão probabilística baseada no conceito de risco.

Não se trata mais de investigar e estabelecer causas e culpados com base no juízo dos indivíduos, mas determinar por meio de correlações a probabilidade de determinado perfil ou população oferecer risco biológico ou social à sociedade, permitindo a adoção de medidas preventivas (FOUCAULT, 2015).

Esta é justamente a racionalidade hoje encarnada nos modelos preditivos algorítmicos: estabelecer correlações por meio da identificação de padrões em grandes quantidades de dados que permitam antecipar probabilidades de determinado cenário ocorrer (BRUNO, 2016).

Em geral, estes algoritmos modulam a experiência dos usuários de modo a conduzi-los a adotar os comportamentos previstos em sua programação, performando a governança das condutas. No caso das cartografias das plataformas visa-se favorecer o governo dos vínculos de contágio de Covid-19.

Neste sentido, podemos considerar as cartografias dos grandes oligopólios digitais sobre o coronavírus como manifestações contemporâneas dessa “soberania da ciência” corporificada por algoritmos que se tornam autoridades sanitárias.

Contudo, os efeitos de verdade das cartografias algorítmicas que visam ressaltar os riscos de contágio com fins biopolíticos são tensionados por um outro fenômeno que guarda uma analogia biológica na origem de sua descrição: a disseminação de desinformação por meio memético.

Frente à construção da legitimidade do Big Data como meio de definição da ameaça da pandemia, emerge o Coronavírus como um signo polifônico: sujeito a disputas de sentido que expressam as tensões mais amplas da sociedade e constituído pelo encadeamento de inúmeras vozes.

Originalmente o conceito de meme foi inspirado no de gene na obra de Dawkins (2001): uma unidade de replicação de informação que se dissemina em uma população através da adaptação contínua e seleção via concorrência, cujo meio de propagação é a cultura.

No contexto específico de memes que visam disputar a percepção pública sobre o risco e relevância da Pandemia, emergiu o conceito de Infodemia, a disseminação exponencial de desinformação referente ao Coronavírus que agrava sua circulação (OPAS 2020).

O combate às notícias falsas que relativizam a percepção social dos riscos de contágio e de morte tornou-se elemento decisivo para minimizar os danos da pandemia: “não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma Infodemia”, afirmou Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS (ANDERSEN; GODOI, 2020, p. 1).

Sugerimos a hipótese de que a disputa entre os discursos sobre a pandemia que ressaltam seu risco, legitimados por cartografias algorítmicas, e aqueles que relativizam sua importância, por meio de memes, expressa uma tensão mais profunda entre racionalidades e tecnologias de população distintas: a biopolítica e a necropolítica, conceito proposto por Mbembe (2018).

Enquanto as cartografias algorítmicas da epidemia expressam a razão biopolítica de preservação da população, projetos necropolíticos por meios de memes reivindicam o antigo direito da soberania de deixar morrer: a naturalização da necessidade de determinadas vidas serem expostas ao risco da morte e sacrificadas.

Mbembe (2018) ressalta a relevância contemporânea da produção da morte como

soberania: a definição de quais populações e territórios estarão sujeitos a um estado de exceção permanente em que suas vidas não estão sujeitas as proteções demandadas pela biopolítica.

Em tempos de pandemia, a desinformação é uma política necropolítica em si: relativizar, ocultar ou negar o acesso da população aos dados que permitam a compreensão do risco biológico da Covid-19 favorece sua exposição à pandemia e potencial morte.

Mesmo diante da aparente contradição entre biopolítica algorítmica e desinformação necropolítica, questiona-se neste trabalho se as cartografias pandêmicas das grandes plataformas como Baidu e Google não possuem um viés de ocultamento da necropolítica, facilitando sua legitimação, ao oferecerem uma escala de representação dos casos que desconsidera desigualdades territoriais e raciais em uma mesma cidade.

Para revelar esta necropolítica e oferecer uma alternativa autônoma tanto a algoritmos biopolíticos quanto à desinformação, é necessário construir uma *visualidade* que parte de outra perspectiva: a da *proximidade*, a da representação da pandemia na escala da comunidade, objetivo da plataforma contra visual algorítmica *covidporcep*.

3 | A PROTOTIPAGEM DE UMA CONTRAVISUALIDADE SOBRE A PANDEMIA

Em contraposição aos regimes de visualidade hegemônicos, Mirzoeff (2016) propõe o “direito ao olhar”: uma contra visualidade popular que constrói alternativas de autonomia às visões propiciadas pelas relações dominantes entre imagens e poder.

Neste sentido, considerando a necessidade de alternativas tanto aos mapas da pandemia de grandes oligopólios digitais quanto à disseminação de desinformação, o presente trabalho propôs prototipar uma plataforma contravisual de representação espacial do contágio de covid-19 na cidade do Rio de Janeiro baseada em dados públicos.

Em primeiro lugar, realizou-se uma escuta pelos autores de 34 lideranças comunitárias, indicados por suas respectivas associações, de 28 bairros e favelas do Rio de Janeiro, sobre as plataformas de visualização dos casos de COVID-19 disponíveis, tanto as das grandes empresas quanto a oferecida pela Prefeitura da cidade.

Em oficinas virtuais promovidas pelo autor em parceria com a plataforma Onde Tem Solidariedade (OTS) e o apoio de membros do projeto de extensão Laboratório de Ativismo da UFRJ (LABATIVO-UFRJ), buscou-se definir com os representantes populares qual poderia ser a contribuição do pesquisador para a população desses territórios no esforço de combate à desinformação sobre a pandemia.

A realização das oficinas para a definição do projeto de pesquisa teórico-prático apresentado neste trabalho seguiu tanto o princípio da produção científica socialmente referenciada quanto às orientações da OMS no combate à Infodemia: “abrir os dados, apoiar a ciência aberta, traduzir conhecimentos, comunicar riscos e envolver a comunidade” (OPAS, 2020, p.2).

Em contraposição às plataformas que expressam o número de casos na escala global, nacional ou municipal, como a do Google, Bing e Apple, ou mesmo por bairros oficiais como a da Prefeitura do Rio de Janeiro, houve consenso de que a percepção do risco é proporcional à proximidade, afetiva e geográfica, dos casos conhecidos.

Têm 500.000 casos no Brasil, têm 700 casos na maré. Mas a Maré é muito grande, quantos moradores tem aqui? Não dá pra saber se é muito ou pouco (o número de casos), mas se a gente descobre que têm três famílias doentes e um vizinho morreu na nossa rua aí vamos pensar duas vezes antes de sair" (P. G., liderança da Favela de Mangueiras).

Como as lideranças constataram, nenhuma plataforma existente respondia ao questionamento que elas consideraram central na percepção de risco do contágio por parte dos moradores de suas comunidades: quantos casos de Coronavírus há na sua rua?

A partir deste diagnóstico, considerou-se a representação do número de casos por rua como a principal demanda dos usuários no desenvolvimento de uma plataforma de contravizualização de dados sobre a COVID-19.

A prioridade de uma escala o mais próxima possível do usuário na representação de dados epidemiológicos também encontra evidências na literatura sobre comunicação de riscos.

4 | GRANULARIDADE DA REPRESENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE RISCO

Na saúde pública, a comunicação de riscos visa informar os cidadãos da probabilidade de um evento adverso ocorrer em função do grau de exposição ao risco e qual a gravidade do dano (CASTIEL, VASCONCELLOS-SILVA, MORAES, 2017).

A apresentação de dados relativos a riscos pode tanto provocar reações de alta ansiedade como de quase indiferença. A compreensão de que o fenômeno que se quer prevenir atinge mais vítimas identificáveis, conhecidas, do que anônimas é decisivo na percepção dos indivíduos e sua propensão a alterar comportamentos arriscados (CASTIEL, VASCONCELLOS-SILVA, MORAES, 2017).

Resnick, Newcomb e Shipley (2016) ao revisarem a literatura sobre o tema, destacam a dificuldade da maioria absoluta dos indivíduos em compreender e, portanto, considerar na sua tomada de decisão fenômenos de magnitude muito além da percepção cotidiana, sendo um dos desafios na popularização de temas como as mudanças climáticas (2016).

Neste contexto, a representação do alto número de casos de COVID-19 em cidades, estados e países pode reforçar a percepção popular da pandemia e da quarentena como um caso de 'tragédia dos comuns': dada a magnitude e dimensão coletiva do contágio, os indivíduos desconsideram a contribuição de suas ações para o risco sobre si e os demais, já que são tomadas como desprezíveis, irrelevantes diante do todo (OLSON, 2011).

Em contraposição, uma visualização dos casos a nível da rua ou quarteirão permite compreender o contágio como uma ameaça imediata a si e seus vizinhos, com os quais

frequentemente em favelas e bairros populares mantêm-se laços sociais e familiares. Ao descobrir o número de casos no seu próprio endereço, pelo CEP, têm-se a consciência súbita que o perigo encontra-se na porta ao lado.

Busca-se evidenciar por meio dessa discussão que considerando a população como principal usuária das plataformas de visualização de dados sobre COVID-19, a interface e a escala da representação tornam-se tão ou mais decisivas que a modelagem dos dados e os desafios no campo computacional.

Portanto, em um primeiro momento, buscou-se analisar a literatura existente para descobrir se já havia um modelo de visualização dos dados sobre COVID-19 que atendesse a demandas por uma representação dos casos na escala das ruas.

5 | PESQUISAS SOBRE CARTOGRAFIAS DA PANDEMIA NO BRASIL E NO MUNDO

Para uma revisão da literatura disponível foi efetuada uma busca no portal de periódicos da CAPES sobre visualizações de dados e cartografias digitais da pandemia da COVID-19 no Brasil.

No Brasil a comunidade acadêmica se concentrou em desenvolver infográficos e mapas que comparam o número de casos entre estados e municípios, sem representar a distribuição da contaminação segmentada por diferentes áreas de cada cidade. São os casos de Faria (2020), Saraiva (2020), e Dagnino e Freitas (2020).

Monteiro et al (2020) apresenta uma variação interessante: a visualização da distribuição dos casos também por município, mas focada na análise da contaminação por meio de fluxos rodoviários. Todos estes trabalhos utilizam os boletins das Secretarias de Saúde das Unidades Federativas e o repositório da John Hopkins University como fonte de informação.

Nos trabalhos de Diniz (2020) há um único registro de uma visualização dos diferentes graus de contágio entre zonas da cidade de Caicó. Contudo não se diferencia a quantidade de infectados por bairro e trata-se apenas de uma foto publicada no instagram do Laboratório de Geoprocessamento e Geografia Física da UFRN.

Cabe ressaltar a omissão na literatura disponível em analisar, inclusive de forma crítica, as plataformas corporativas de visualização da Pandemia como as oferecidas por Bing, Apple, Baidu e Google.

Além de visualizações baseadas nos dados oficiais, há apenas artigos sobre cartografias colaborativas que representam os casos informados pelos próprios usuários. É o caso do COVID-19 MAP, iniciativa global analisada por Laranjeira (2020) onde a cada cidade é atribuído um símbolo informando seu risco de contágio.

Já a iniciativa cidadã Juntos contra o Covid, disponível em <https://www.juntoscontraocovid.org/> permite aos cidadãos informar casos a partir da inserção de coordenadas geolocalizadas no mapa. Contudo, por

depende apenas da contribuição voluntária de usuários, ela registra apenas 980 casos de Coronavírus em todo o Brasil, uma parcela ínfima do universo total.

6 | RESULTADOS

Não tendo sido encontrada solução adequada, o autor somou-se ao esforço de Thales Mesentier, pesquisador da FAU-UFRJ, em desenvolver uma plataforma online própria denominada Covid por Cep e disponível em <https://covidporcep.rio.br/>.

A Covid por cep apresenta um mapa do município do Rio de Janeiro que informa o número oficial de casos, atualizado diariamente, de Coronavírus por cada código de endereçamento postal (CEP) da cidade.

São usados os dados do CEP de residência informados por cada paciente da rede pública e privada diagnosticados com a doença, disponibilizados pela Secretaria Municipal de Saúde. Além de uma escala de cores que representa os diferentes graus de concentração por rua, a plataforma disponibiliza a busca por meio do CEP e ou da localização informada por dispositivos *mobile* caso o usuário prefira.

Considerando a revisão da literatura disponível, a plataforma Covid por CEP apresenta uma contribuição inédita em termos de granularidade e escala da representação espacial dos dados sobre a COVID-19.

Diferente da Juntos contra o Covid, a Covid por CEP por utilizar dados oficiais permite observar na escala da rua ou quarteirão a distribuição de 92.097 dos 111.255 casos de Coronavírus confirmados pela Prefeitura do Rio de Janeiro (DATA.RIO, 2020). Com a base disponibilizada pela Prefeitura do Rio foi elaborado um script em Python para a raspagem, limpeza e tratamento dos dados, bem como para a realização da geocodificação dos Código de Endereçamento Postal (CEPs).

Por meio deste processo, utilizando a API do Google Maps, cada CEP, com seu número de casos ativos, recuperados e óbitos foi convertido em um par de coordenadas geográficas. A conversão da geometria dos CEP's, representativos de endereços lineares, para um par de coordenadas determina áreas com um raio de precisão que varia em torno de 100 metros, dentro dos limites das ruas e quarteirões de uma metrópole como o Rio de Janeiro.

A exceção se dá em favelas em que a falta de formalização do tecido urbano produz distorções maiores: casos em que um mesmo CEP é compartilhado por habitantes de áreas mais extensas.

Ainda assim, a representação é mais detalhada para as favelas do que os números absolutos disponibilizados na visualização por bairros que a Prefeitura do Rio de Janeiro oferece. Também é possível filtrar apenas casos ativos, assim como óbitos, permitindo uma visualização destacada de fenômenos específicos.

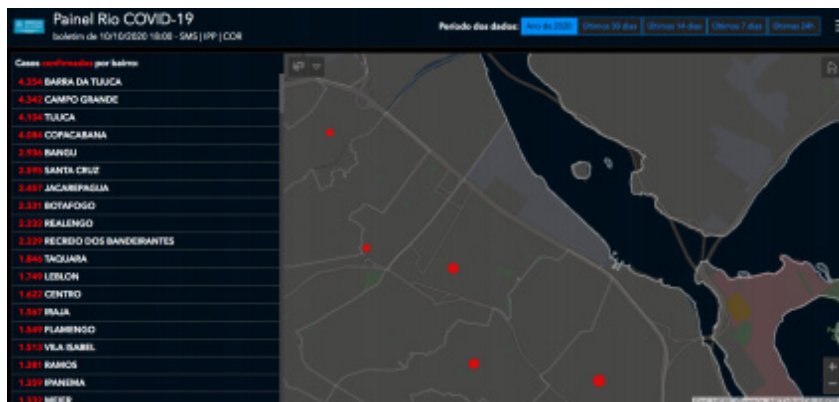


FIGURA 2. Visualização de casos na região da Penha pela plataforma da Prefeitura do Rio.

FORNTE: RIO DE JANEIRO, 2020.

A exibição dos dados para o usuário final, por sua vez, foi elaborada na forma de um aplicativo web, responsivo para celulares, programado em javascript utilizando a biblioteca React.

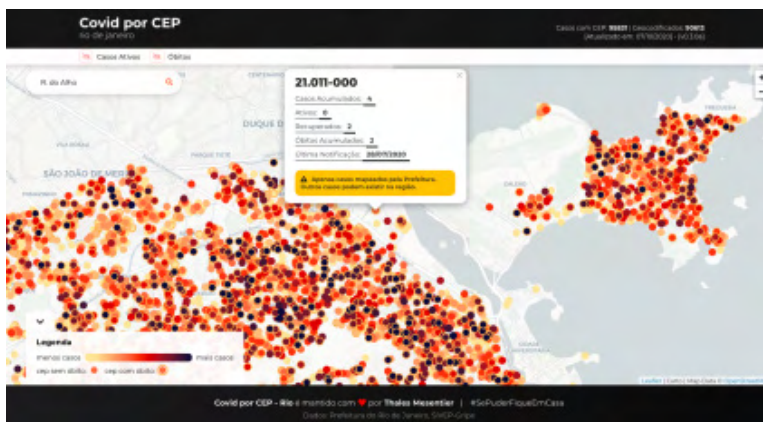


FIGURA 3. Visualização de casos na região da Penha pela plataforma Covid por Cep centrada em uma rua específica consultada pelo mecanismo de busca.

FORNTE: Autor.

A plataforma também responde à necessidade coletiva de espacialização da incidência da pandemia no território, permitindo uma visualização granular e oferece um contraponto ao usuário que potencialmente poderia se considerar distante do risco de contágio em função da disseminação de desinformação que minimiza a pandemia.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se de um trabalho em andamento no qual a plataforma permanece em desenvolvimento contínuo, recebendo não só as atualizações da base de dados mas a implementação periódica de novas soluções que permitam avaliar se alcançamos os objetivos do trabalho.

A Covid por Cep foi apresentada em conjunto com as demais visualizações *online* descritas neste artigo para as lideranças comunitárias que participaram das oficinas, e estas foram convidadas a compartilhar suas experiências com familiares e vizinhos.

Em doze dias o site Covid por CEP recebeu 320 mil visualizações por mais de 200 mil usuários a partir da divulgação orgânica nas redes sociais.

A escala de acesso nos primeiros dias demonstra que foi possível produzir uma contravisualidade cidadã que ampliou significativamente o alcance de dados oficiais sobre a pandemia, a partir de uma interface construída em diálogo e priorizando as demandas de representações da sociedade civil.

Neste sentido, o trabalho aponta a relevância da participação popular na definição das prioridades de construção de plataformas de contra-visualizações de dados em geral, e nas sobre bases de dados do COVID-19 em particular.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, A; GODOI, E. **Infodemia em tempos de pandemia: batalhas invisíveis com baixas imensuráveis**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341103111_INFODEMIA_EM_TEMPOS_DE_PANDEMIA_BATALHAS_INVISIVEIS_COM_BAIXAS_IMENSURAVEIS>. Acesso em 20. set. 2020.

AKHTAR, R. et al. **Data analytics and visualization using Tableau utilitarian for COVID-19 (Coronavirus)**. *Global Journal of Engineering and Technology Advances*, v.3, p.28-50.

BRUNO, F. **Rastrear, classificar, performar**. *Ciência e Cultura*, v. 68, n. 1, p. 34-38, 2016.

CASTIEL, L. D; VASCONCELLOS-SILVA, P. R; MORAES, D. R. **Micro-morte-vida Severina? A comunicação preventiva dos riscos**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33 n.8, Rio de Janeiro, 2017.

DAGNINO, R.S; FREITAS, M. D. W. **Coronavírus (Covid-19) nos municípios do Brasil**. *Harvard Dataverse*, v.1, 30. mar. 2020, p 32.-45.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DINIZ, F. **Casos confirmados no Município de Caicó**. Disponível em:<<https://www.instagram.com/laggef.ufrn/>>. Acesso em 20. set. 2020.

FARIA, J. R. **Casos de COVID-19 por 100.000 habitantes nos Estados**. Disponível em:<<https://flo.uri.sh/visualisation/2528719/embed>>. Acesso em 12. set. 2020

FOUCAULT, M. **Como se exerce o poder?** In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, 2.ed.

_____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Microfísica do Poder.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

GOULART, J. **Bolha Covid: ações de tecnologia chegaram ao topo?**. Disponível em: <<https://bityli.com/AsYij>>. Acesso em 20. set. 2020.

HAN, B. C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HARVEY, D. **O novo imperialismo.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

KENT, J. **Google Makes COVID-19 Datasets Freely Available to Researchers.** Disponível em: <<https://bityli.com/F1WuV>>. Acesso em 20. ago.2020.

LARANJEIRA, A.C.C. **Mapas do coronavírus: desafios e direções.** Disponível em:<<https://bityli.com/6Ha6X>>. Acesso em 13. set. 2020

MBENBE, A. **Necropolítica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

MONTEIRO, F et al. **“Rodovírus” ou “Caronavírus”? Mapas da Distribuição do Covid-19 na Região Sul do Brasil: Indícios da contaminação por rodovias.** Disponível em:<<https://journals.openedition.org/confins/28246#toc>>. Acesso em 09. out. 2020.

MIRZOEFF, N. **O direito a olhar.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315060754_O_direito_a_olhar>. Acesso em 2. set. 2020.

OPAS. (2020). **“Organização Pan-Americana da Saúde: Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19”.** Disponível em:<https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=>>. Acesso em 14. jun. 2020.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva.** São Paulo: EDUSP, 2011.

PARIKH et al. **Data Analytics and Visualization Techniques of Corona Impact.** Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/343384841_Data_Analytics_and_Visualization_Techniques_of_Corona_Impact>. Acesso em 08 out. 2020.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura Municipal de. Centro de Operações de Emergências. **Painel COVID-19, 2020.** Disponível em: <<https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

RESNICK, I, NEWCOMB, N. E SHIPLEY, T. **“Dealing with Big Numbers: Representation and Understanding of Magnitudes Outside of Human Experience.”**, *Cognitive Science*, p. 1020–1041. John Wiley & Sons, 2016.

SARAIVA, F. **Observatório de Dados: COVID-19 no Brasil**. Disponível em: <<http://ccsl.ufpa.br/covid-19/>>. Acesso em 20. set. 2020.

ZUBOFF, S. Big Other: **Capitalismo de Vigilância e perspectivas para uma civilização da informação**. In: BRUNO, F. *et al.*(orgs.) *Tecnopolíticas da Vigilância*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 103, 104, 105, 107, 108

Análise 6, 1, 3, 5, 9, 12, 13, 15, 22, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 76, 79, 91, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 116, 138, 141, 142, 144, 145, 158, 160, 174, 178, 179, 187, 188, 203, 210, 215

B

Biopoder 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 112

Biopolítica 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 112, 113, 114

C

Censura 7, 2, 3, 96, 122, 188, 194, 195, 197, 198

Ciberdemocracia 4, 7, 86, 87, 88, 96, 98

Ciberespaço 4, 7, 31, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 91, 95, 155, 156, 162, 174

Cidadania 7, 56, 57, 67, 71, 72, 78, 85, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 181, 182, 184, 187, 218

Compartilhamento 17, 21, 27, 29, 59, 76, 78, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 154, 157, 160, 161, 162, 168, 169, 171, 172, 209, 213

Comportamento 11, 67, 97, 159, 160, 170, 179, 181, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 214, 216, 218

Comunidade 6, 39, 46, 47, 77, 78, 85, 88, 95, 114, 116, 139, 140, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 201, 204, 214

Construção 4, 6, 15, 17, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 45, 57, 67, 73, 88, 113, 119, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 186, 188, 193, 195, 204

Cultura 4, 16, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 51, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 84, 88, 98, 108, 110, 113, 119, 138, 142, 147, 151, 152, 157, 174, 181, 187, 188, 192, 194, 195, 198, 218

D

Direitos 6, 40, 46, 50, 56, 57, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 98, 102, 137, 182, 183, 185, 187, 218

Discurso 3, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 52, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 81, 84, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 129, 187, 188, 198

Dramas 8, 188, 189, 192

E

Ecologia 16, 46, 47, 48, 49, 50, 144

Educação 4, 15, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 60, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 93, 99, 100, 155, 174, 175, 186, 187, 216, 218

Enunciação 6, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Estereótipos 8, 70, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

F

Fake News 4, 5, 7, 18, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 133, 134, 145

Fotografia 4, 6, 46, 48, 50

G

Gênero opinativo 4, 6, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 12, 13

H

Humano 139, 150, 151, 152, 170, 179, 181, 186, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 214, 216

I

Inclusão 20, 46, 47, 48, 50, 51, 138, 139, 180

Información 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 149, 150, 151, 152, 153

Inteligência 89, 112, 155, 156, 173, 174, 204, 212

Internet 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 50, 52, 55, 59, 74, 75, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 141, 150, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 169, 170, 171, 173, 175, 194, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 211, 213, 215, 216, 217

J

Jornais 3, 4, 6, 21, 23, 32, 49, 52, 53, 59, 64, 65, 66, 89, 180

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 82, 86, 92, 96, 99, 182, 187, 218

L

Leitura 5, 44, 53, 107, 178, 209, 218

M

Manifestações 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 74, 84, 113

Mídia 4, 6, 7, 3, 11, 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 32, 38, 39, 41, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 79, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 161, 176, 177, 178,

179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 194, 195, 218

Migrante 6, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Mulher 6, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 63, 68

N

Necropolítica 112, 113, 114, 120

Notícia 4, 6, 1, 9, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 40, 43, 45, 79, 90, 91, 93, 94, 96, 101, 103, 183, 186, 187

O

Objetivo 4, 1, 6, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 57, 58, 64, 79, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 104, 112, 114, 123, 129, 130, 139, 154, 161, 163, 165, 166, 169, 171, 179, 180, 192, 193, 200, 204, 214

Olhar 9, 11, 34, 36, 37, 44, 70, 74, 77, 100, 103, 114, 120, 177, 188, 202

P

Pandemia 4, 7, 8, 9, 11, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 124, 134

Participação 6, 15, 20, 24, 25, 29, 47, 63, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 96, 119, 141, 154, 156, 164, 168, 172, 175, 183

Pesquisa 1, 3, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 86, 88, 89, 92, 94, 98, 99, 100, 103, 114, 138, 146, 160, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 182, 185, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 213, 214, 218

Política 4, 8, 6, 11, 36, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 86, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 103, 107, 114, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 145, 147, 188, 198, 202, 214, 218

Propaganda 7, 72, 95, 105, 108, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 180

Q

Qualidade 10, 21, 25, 27, 48, 50, 53, 92, 103, 142, 144, 145, 186, 209, 210, 212, 213, 214

Questões 20, 22, 40, 49, 50, 79, 82, 88, 99, 100, 112, 139, 141, 144, 145, 146, 177, 179, 183, 185, 194, 205

R

Redes sociais 7, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 31, 58, 59, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 119, 122, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Reportagem 6, 1, 9, 10, 12, 17, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 90, 93, 94, 101

Representações 6, 34, 35, 36, 37, 45, 50, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 110, 111, 119, 176, 177, 179, 180, 184, 186, 187, 210

Responsabilidade social 27, 33, 136, 137, 138, 140, 147, 218

S

Saúde 4, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 68, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 120, 143, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 203, 213, 216, 217

Sentido 6, 34, 36, 37, 39, 42, 50, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 100, 102, 103, 106, 109, 110, 113, 114, 119, 140, 151, 155, 159, 161, 164, 167, 169, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 188, 192

Surdos 46, 47, 48, 49, 50, 51

Sustentabilidade 7, 56, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

T

Teledramaturgia 188, 189, 192, 198

Texto 3, 6, 7, 8, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 52, 60, 61, 69, 79, 83, 84, 93, 94, 99, 100, 105, 106, 108, 159, 161, 169, 170, 201, 218

Transtorno 8, 176, 177, 178, 180, 182, 183

U

Usuário 18, 19, 78, 88, 97, 115, 117, 118, 207, 208

V

Virtual 8, 51, 78, 87, 88, 90, 92, 95, 96, 154, 159, 171, 175, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 216

Visualidade 7, 110, 114

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

- 🌐 www.arenaeditora.com.br
- ✉ contato@arenaeditora.com.br
- 📷 @arenaeditora
- 📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

2

